FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 05/04/2023 - 05:59

Trump se torna 1º ex-presidente dos EUA réu em caso criminal

O ex-presidente dos EUA Donald Trump é cercado por policiais ao chegar a tribunal em Manhattan Ed Jones/AFP

Trump vira 1º ex-presidente dos EUA réu em caso criminal e alega inocência

Republicano responde por 34 acusações de falsificação, que podem levar a 136 anos de prisão

Thiago Amâncio

WASHINGTON Donald Trump adicionou mais um marco de ineditismo à sua carreira política nesta terça (4), quando se tornou o primeiro ex-presidente dos Estados Unidos réu por uma acusação criminal, feito que soma à lista de ter sido a primeira pessoa eleita à cadeira máxima do país sem experiência anterior em cargo público e o primeiro a ser alvo de um processo de impeachment na Câmara duas vezes.

No mais recente ato de sua pré-campanha para a Casa Branca no ano que vem, o republicano deixou a Trump Tower por volta das 13h no horário local, ergueu o punho, em gesto que faz desde que assumiu a Presidência, em 2017, e foi à corte no sul da ilha de Manhattan abarrotada de jornalistas e apoiadores.

No jargão americano, para ser detido após "se entregar" à Justiça, o que significa que foi fichado pela polícia e ouviu as acusações de que é alvo no caso que envolve a compra do silêncio de três pessoas durante a eleição de 2016.

Duas delas são mulheres que alegam ter tido um affair com ele, a atriz pornô Stormy Daniels e a ex-modelo da Playboy Karen McDougal, segundo a imprensa americana. Daniels recebeu US$ 130 mil (R$ 659 mil) e McDougal, US$ 150 mil (R$ 761,4 mil). A terceira pessoa, que recebeu US$ 30 mil, é um porteiro da Trump Tower que afirmava que o republicano teve um filho fora do casamento. Eles teriam recebido o dinheiro de advogados do então candidato, e os gastos foram lançados como "despesas jurídicas", o que seria uma maquiagem de gastos de campanha, segundo investigações.

"Indo para o sul de Manhattan, o tribunal. Parece tão SURREAL —UAU, vão ME PRENDER. Não posso acreditar que isso está acontecendo na América. MAGA [sigla em inglês para 'faça a América grandiosa de novo', o slogan do republicano]!", publicou Trump em sua rede social, a Truth, a caminho da corte.

Por volta das 15h30 (no horário de Brasília), Trump entrou no salão do tribunal e ouviu 34 acusações pelo crime de falsificação de registros comerciais. Cada uma delas, que envolvem o lançamento de registros de 11 cheques de Trump para reembolsar o advogado, tem pena máxima de 4 anos, 136 no total.

Ele negou todas elas. Como não envolve um caso com violência, ele não ficou preso e foi liberado na sequência.

Os trâmites no tribunal não foram transmitidos ao vivo, mas o juiz Juan Merchan permitiu que fotógrafos fizessem algumas imagens do processo. Outra imagem poderia ter entrado para a história, mas, segundo a imprensa americana, não foi feita: sua foto de frente e de perfil como suspeito, depois de um debate sobre se seria mesmo necessário, uma vez que Trump é figura conhecida. A primeira audiência do processo deve acontecer em 4 de dezembro.

Republicano ergue punho ao sair da Trump Tower em direção ao tribunal Carlos Barria/Reuters

Trump já arrecadou US$ 8 milhões (R$ 40,6 milhões) em doações de apoiadores desde que o indiciamento veio a público, na última semana, segundo a equipe do republicano. O ex-presidente passou parte da segunda-feira compartilhando em sua rede social pesquisas que o apontavam como favorito à indicação de seu partido, com mais de 20 pontos percentuais à frente do governador da Flórida, Ron DeSantis.

A dúvida é se a acusação a um ano e meio da próxima eleição vai de fato ajudar Trump na campanha, como ele deseja. Pesquisa da CNN americana divulgada na segunda-feira (3) apontou que 62% dos americanos aprovam o indiciamento. Apesar disso, 76% afirmam que a decisão da Justiça teve algum componente político — sendo que, para 52%, a política ocupou um espaço central.

Do lado de fora do tribunal, trumpistas conhecidos foram prestar apoio ao ex-presidente, como os deputados Marjorie Taylor-Greene e George Santos, filho de brasileiros investigado após mentir sobre diferentes aspectos de sua vida e sua carreira durante a campanha.

Escândalos sexuais não são novidade na política americana, muito menos no Salão Oval. O democrata Bill Clinton chegou a mentir sob juramento ao negar ter tido relações sexuais com uma estagiária da Casa Branca e, embora tenha sofrido um impeachment na Câmara —barrado no Senado—, deixou o mandato com 66% de aprovação, quase o dobro dos 34% de Trump ao fim de seu governo.

O republicano também batalha contra o andamento de outro processo, na Geórgia, que pode levá-lo ao banco dos réus por tentativa de interferência na eleição que perdeu para Biden no estado em 2020.

O que pode causar mais dor de cabeça seria a investigação sobre sua participação no ataque ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. A 14ª Emenda da Constituição americana proíbe que participantes de insurreições ocupem cargos públicos. O Comitê da Câmara recomendou que o Departamento de Justiça indicie Trump por insurreição, mas não está claro se isso deve acontecer.

Político acusa promotores de interferir em pleito

No primeiro discurso público após se tornar o primeiro ex-presidente dos Estados Unidos réu por uma acusação criminal, Donald Trump voltou a se defender das acusações alegando que a promotoria de Nova York age de maneira política e tentou se proteger de outras investigações criminais de que é alvo.

Trump falou na noite desta terça a um auditório lotado em seu resort em Mar-a-Lago, na Flórida, após voltar de Nova York. "Nunca imaginei que algo assim aconteceria nos EUA. O único crime que cometi é defender sem medo nossa nação", afirmou.

O ex-presidente atacou o promotor do caso, Alvin Bragg, e o chamou de criminoso por vazar informações da investigação. Também atacou o juiz do caso, Juan Merchan, e citou até a filha do magistrado, que, segundo ele, trabalhou na campanha de Kamala Harris.

Trump citou ainda outras investigações que avançam e que podem indiciá-lo. Ele chamou de "farsa das caixas" a investigação que apura os documentos ultrassecretos que levou da Presidência para sua casa na Flórida e chamou de "ilegal e inconstitucional" a operação do FBI que aprendeu os documentos em Mar-a-Lago.

Trump aproveitou para abrir fogo contra Biden, citando a inflação recorde do país, o que chamou de "fronteiras abertas" que permitem a entrada de imigrantes em situação irregular no país e a retirada de tropas do Afeganistão, considerada desastrosa. Afirmou que, sob Biden, "uma Terceira Guerra Mundial nuclear pode acontecer".

Suborno envolve atriz pornô, modelo da Playboy e porteiro

WASHINGTON A acusação que colocou Donald Trump como o primeiro ex-presidente dos Estados Unidos no banco dos réus vai além da compra de silêncio da atriz pornô Stormy Daniels e envolve pagamentos a outras duas pessoas durante a campanha de 2016: uma ex-capa da Playboy e até um porteiro que dizia ter muita história para contar do então candidato.

Os detalhes do processo contra Trump vieram a tona nesta terça-feira (4), quando ele se tornou oficialmente réu por 34 acusações de falsificação de registros comerciais. Na acusação formal contra o ex-presidente, o promotor Alvin Bragg disse que Trump "falsificou repetida e fraudulentamente registros comerciais em Nova York para ocultar conduta criminosa que escondia dos eleitores informações prejudiciais durante a eleição presidencial de 2016", resumiu, ao afirmar que os envolvidos violaram leis eleitorais.

Todo o caso envolve o tabloide National Enquirer, vendido em supermercados. Em uma reunião na Trump Tower em agosto de 2015, quando o empresário anunciou que se candidataria à Casa Branca, David Pecker, editor-executivo da American Media Inc. (AMI) — proprietária do tabloide à época— concordou em ficar de "olhos e ouvidos" abertos durante a campanha para notícias que pudessem prejudicar Trump, segundo a acusação.

Meses depois, no fim do mesmo ano, o National Enquirer descobriu que um porteiro da Trump Tower estava tentando vender informações sobre um filho que Trump teria tido fora do casamento. A editora então comprou a história com exclusividade por US$ 30 mil para impedir sua divulgação. Segundo a promotoria, Pecker falsificou o lançamento do pagamento em seus registros comerciais. A revista, mais tarde, concluiu que a história era falsa, mas o então advogado de Trump, Michael Cohen, instruiu a editora a não liberar o porteiro do acordo realizado até que passassem as eleições.

A atriz pornô Stormy Daniels Fabrizio Bensch - 11.out.18/Reuters

No ano seguinte, em junho de 2016, o tabloide descobriu que uma mulher alegava ter tido um caso com Trump anos antes, segundo a acusação — que não traz o nome de Karen McDougal, ex-modelo da Playboy. Pecker então pagou US$ 150 mil (R$ 761,4 mil) à modelo, diz a promotoria.

Uma conversa em áudio de setembro daquele ano, pouco antes da eleição, mostra Trump e Cohen discutindo a melhor maneira de fazer o pagamento. Dias depois, a AMI falsamente "vendeu" a história para uma empresa fantasma criada por Cohen, no que seria uma maquiagem do pagamento.

O último caso é o da atriz pornô Stormy Daniels, em um acordo fechado em um momento ruim da campanha, quando foi divulgado vídeo de Trump dizendo que agarrava mulheres "pela vagina". Preocupados com a imagem de Trump no eleitorado feminino, um editor da AMI avisou a chefia da empresa sobre uma nova mulher que alegava ter tido um caso com Trump enquanto ele era casado. A editora avisou Cohen, que fez um acordo, sob ordem de Trump, para pagar a Daniels US$ 130 mil. **TA**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Pagina:** 12

Copyright © Clipclap 2025.